

Depoimento sobre Paulo Freire*

Paulo Rosa

Contra as evidências, acredita-se na Universidade, na Educação, na ação de todos. Acredita-se na educação de todos, na ação modificada de todos.

Ninguém consegue realizar tudo o que sonha, principalmente quando se tem a trajetória interrompida, que foi o que aconteceu com Paulo Freire em 1964, foi preso e depois forçado a sair do país.¹

Muitas coisas ele não pôde fazer. Toda a sua história é uma história bonita, uma história que gira em torno do princípio da solidariedade. Isto foi feito de uma maneira profunda e obstinada; a construção do pensamento de Paulo Freire, pode-se dizer, foi desposada da vida.

Toda a construção “surgiu” do pensamento, da prática, da praxes, daquilo que se observava, com muita penetração, daquilo que ele sentia; que faltou à ele na infância, na adolescência, as dificuldades, tantas outras coisas que ocorreram, tornaram-se possibilidades de reflexão, de pensamento e ação.

A solidariedade foi cada vez mais se enriquecendo em sua vida. Uma construção permanente.

Em um diálogo de Paulo Freire, em “Pedagogia da Esperança”, mais bonito livro de Paulo Freire, onde narra duas experiências de diálogo, justamente diálogo com camponeses.

Inicialmente refere-se, neste livro, a um diálogo mantido no período em que “ele” vivia no Chile². Assistiu a uma série de círculos de cultura, que estavam sendo conduzido por pessoas, por camponeses; ele estava inquieto e queria participar.

* Texto elaborado a partir da palestra “Vida e obra de Paulo Freire”, proferida por Paulo Rosa, no I Encontro Nacional de Jovens e Adultos – ENEJA, em 25 de abril de 1998, em Recife/PE.

¹ Preso após o Golpe Militar de 1964. Depois de 72 dias de reclusão, foi convencido a deixar o país.

Até certo momento ele estava apenas ouvindo, além do que, era um pouco difícil a sua participação, pois, não dominava o espanhol, e receava não ser muito bem compreendido. Mas, para ele era muito difícil ficar na situação passiva, só escutando. Foi aceita a participação dele.

Quando ele começou a falar, acabou-se a discussão e as pessoas ficaram caladas, aguardando por ele. Fez-se um silêncio; Paulo Freire sempre soube muito bem trabalhar em silêncio. Até o momento em que um dos camponeses presentes disse: “Desculpe senhor, mas nós achamos que o senhor é que tem que falar, porque nós achamos que o senhor sabe, e nós não.” Paulo Freire fez o seguinte: depois da leitura de um texto, disse: “Muito bem, eu vou aceitar, a princípio, que eu sei e você não, mas eu quero chamar vocês para participarem de um jogo comigo.” Ele dividiu o quadro em duas partes, uma para ele e a outra para as pessoas que estavam participando círculo de cultura. Disse: “Olha, eu pergunto à vocês, se vocês acertarem fazem um gol, se eu acertar faço outro. Depois vocês fazem uma pergunta para mim, se eu acertar, faço um gol, se eu não acertar vocês fazem outro.”

Começou perguntando: “Vocês sabem o que é maieutica Socrática?”

O pessoal riu, foi uma gargalhada geral. E ele diz: “Fiz meu primeiro ponto, ninguém acertou, agora é a vez de vocês perguntarem à mim.”

A primeira pergunta: “O senhor sabe o que é curva de nível?” Paulo Freire disse que não sabia, “Muito bem, empatou uma a um.” E continuou a fazer perguntas ao grupo de camponeses e o grupo à ele. Quando chegou no dez, estava empatado. Paulo Freire diz: “Dez a Dez.” Tinha feito dez gols e tinha levado dez.

Paulo Freire deixou que o grupo pensasse no ocorrido; depois disso ele comenta, no mesmo livro, de um encontro com outro grupo, um outro diálogo com camponeses que havia ocorrido há muitos anos, na Zona da Mata, em Pernambuco. Este diálogo era muito parecido com o primeiro, sem jogo, onde eles diziam: “Nós não sabemos nada, o senhor é que sabe, o senhor deve nos ensinar.” E Paulo Freire insistiu: “Muito bem, eu sei e vocês não sabem, mas porque eu sei e vocês não sabem?” Começaram a responder, e no momento em que este diálogo se estabelecia, uma nova aprendizagem também se desenvolvia. Eles disseram: “O senhor sabe porque é doutor, e nós não.” “Muito bem.” Diz Paulo Freire, “ e porque eu sou doutor e vocês não?”

² Exilou-se primeiro no Chile, onde, encontrando um clima social e político favorável ao desenvolvimento de suas teses, desenvolveu, durante 5 anos, trabalhos em programas de educação de adultos no Instituto Chileno para a Reforma Agrária (ICIRA). Foi aí que escreveu a sua principal obra: *Pedagogia do oprimido*.

Responderam: “Ah, o senhor foi à escola, tem leitura, tem estudo, e nós não.” “E porque os pais de vocês não puderam mandá-los para a escola?” Não foi bem assim que disseram, mas não importa: “Ah, porque são camponeses como nós.” “O que é ser camponês?”, pergunta Paulo Freire, e eles respondem: “É não ter educação, posses, trabalhar de sol-a-sol, sem direitos, sem esperança de dia melhor.” “E porque?” Alguém respondeu: “É porque Deus quer.” Paulo Freire insistiu: “E quem é Deus?” “Deus é o pai de todos nós.” Em seguida Paulo Freire volta a perguntar: “Será mesmo que Deus é o fazedor dessas coisas?” Um silêncio diferente, completamente diferente do anterior, um silêncio que algo começava a ser dividido, a ser criado.

Em seguida, alguém, de certo modo, descobre e diz: “Não, não é Deus o fazedor de tudo isso, é o patrão.”

O diálogo de Paulo Freire comunica o valor. Através daquelas perguntas, de certo modo, Paulo Freire transmitia seu modo de educar, sem fazer longas conferências, mas levando paulatinamente as pessoas a refletirem e mostrar que tinham capacidade de construir também um saber. O saber do camponês, o saber dos educadores, não é certamente inferior ao conhecimento de um professor universitário. Ele é diferente, ele se baseia em outras experiências, em outra vivência que outros não têm.

Porém, o fato de este saber, sem certos códigos da sociedade, por exemplo, por não saber ler e não saber escrever, é certamente um saber mais precário, porque desde logo torna a categoria sujeita à informações “selecionadas” por aqueles que detém o saber. O poder para manter a relação entre oprimido e opressor, dominantes e dominados. É preciso que se domine, que se possa ter acesso à informação, e isto é uma grande tarefa para os educadores. Mesmo, “sem” saber, está se agindo conforme o pensamento, as expectativas e as esperanças de Paulo Freire.

Não se usa apenas a leitura linear, acrítica e ingênua, como Paulo Freire gostava de repetir; mas sim àquela reformadora da relação de opressor e oprimido. É preciso que se pense que se deverá ler, aprender o mundo, criar o mundo, criar o saber.

Portanto, é necessário que essa leitura e releitura de mundo seja feita sem se limitar a uma leitura linear. Deve ser uma leitura crítica e pensada. É isto que Paulo Freire pensava e é justamente por conta disto que se está aqui, para sedimentar, de alguma maneira, o que já se sabe.

O que é ser educador? É uma realidade, uma experiência diferente. Todos tem uma resposta. Mas será que é uma resposta estática, uma construção acabada?

Certamente não. Paulo Freire ensinava que não. Sempre é possível e sempre deve-se reler o mundo, a história, refazer a história, questionando toda e qualquer experiência. Não se está aqui por acaso, principalmente quando se tem a própria história de vida.

Não se sabe quais os caminhos, nem se pode garantir que os caminhos escolhidos hoje, serão os mesmos, sempre. Os caminhos de cada um como educadores, representa uma construção permanente. Assim está se prestando a melhor homenagem que se podia prestar à Paulo Freire.

A construção do pensamento de Paulo Freire não se deu através de meras abstrações.

Não foi através de um dia de inspiração, onde ele chegou-se à mesa e foi escrever. A construção do Pensamento e das Idéias de Paulo Freire nasceram desse jogo de ida e vinda, entre a teoria, a filosofia, a prática, a praxes cotidiana que ele vivia, ele crescia com essas idéias. O seu pensamento assim se construía.

Isto ocorre desde a sua juventude, suas experiências acumuladas no SESI, no Centro de Cultura, em reuniões com pais e professores.

Na elaboração de sua tese, a medida que ele tinha as idéias, ia compondo sua tese.

É importante mencionar a tese “Educação e Atualidade Brasileira”, foi sua primeira organização de idéias de maneira mais coerente, mais sistemática. A primeira organização de sua leitura, das idéias que estavam sendo construídas.

Enfim, em todas as suas experiências marcantes de vida, a experiência do exílio, do retorno, de intercâmbios que continuaram por toda a sua vida. Isso significou um processo de revisões e de avanços. Um processo que representa uma lição à todos.

Em todos, o saber é um saber em construção. Lembrando-se de Paulo Freire.

É importante que se tenha muita clareza, pois, educação não é magia. A educação não reforma o mundo por si só. Mudar as estruturas sociais que alimentam as divisões da sociedade entre opressores e oprimidos. Sem educação os oprimidos tem reduzida as possibilidades de agilizar, reforçar e sobretudo de manter mudanças representativas da sociedade.

Não se trata de uma simples mudança de papéis: oprimidos de ontem, opressores de hoje. Trata-se de todo um esforço no sentido de eliminar esta relação, ou pelo menos, reduzi-las. Não se deve ter ilusões. A autonomia não se recebe de presente.

As mudanças pelas quais se está lutando não serão dadas de presente. De modo algum. É preciso que haja conquista e manutenção da autonomia, das reformas, das mudanças que precisam ser operadas na sociedade.

Se a educação, por si só, não é capaz de fazer reformas, sem ela a possibilidade de se fazer algo é muito reduzida. Trata-se de uma luta diferente e forças diferentes.

Não são as forças das armas. São forças de outras armas. De armas diferentes, que só o saber pode realmente permitir.

A autonomia não se recebe de presente, as mudanças tem que ser conquistadas e isso requer esforço e a educação é um dos meios que fará com que estes resultados sejam positivos. Deve-se ter muito cuidado. É o momento de juntar as pedras do conhecimento de todos.

É preciso ter cuidado com as mudanças de faz-de-conta. Há uma diferença entre mudar de fato e mudar para evitar que a mudança ocorra. Certas mudanças são antecipadas, para evitar que mudanças mais profundas ocorram.

A vida e a obra de Paulo Freire indicam caminhos e pistas. Referências para a construção, sempre submetida à revisões e avanços dos caminhos de cada um. Dos caminhos, especificamente dos educadores. Trata-se de uma linha de reflexão, de maneira mais específica sobre a vida e a obra de Paulo Freire.

É importante que se fique claro, ninguém é obrigado a ser um educador. Mas, no momento em quem se faz esta escolha, deve-se trabalhar com coerência. Mesmo que as coisas não caminhem como deveriam.

Ninguém tem todo o conhecimento, mas algum conhecimento, que pode gerar mais conhecimento, criar mais conhecimentos no diálogo, como Paulo Freire ensinou.

Educador, filósofo, político, escritor... Paulo Freire poderia ter dito:

“Nasci para ajudar a instrumentalizar os oprimidos, os sem autonomia, os sem terra, os sem educação para fazerem uma nova leitura de mundo, uma nova construção do saber, um novo modo de lutar por mudanças sociais justas. Deus não é o fazedor disso tudo.”